

## *RESTRIÇÕES À REGRA DA ELIPSE VERBAL* \*

### 1. Introdução

O estudo da Gramática Gerativa tem contribuído enormemente para a lingüística descritiva geral no sentido de expressar, de modo formalmente rigoroso, as restrições às formas das gramáticas possíveis nas línguas naturais.

Muitos lingüistas procuram encontrar uma explicação psicológica para muitas dessas restrições atribuindo a existência de uma forma e não de outra, ou a preferência de uma e não de outra forma, a problemas de ordem perceptual.

Assim, Kuno (1974) defende que as relativas são pré-nominais em línguas SOV e pós-nominais em línguas SVO porque o contrário geraria dificuldades desnecessárias de processamento.

Em Kato (1981) atribuo a preferência em português pela relativa com pronome pessoal (*o livro que a capa dele é amarela*) em lugar da relativa com pronome relativo (*o livro cuja capa é amarela*) por ser naquela utilizada uma estratégia mais facilitadora do que a usada nesta.

O objetivo deste trabalho é mostrar que a forma superficial de sentenças de diferentes origens sintáticas pode assumir feições similares em virtude da identidade funcional das mesmas na comunicação. Mais especificamente, mostrarei que as transformações sintáticas podem ser determinadas por fatores de ordem funcional.

## 2. A redução do verbo e do sintagma verbal

A redução do verbo e do sintagma verbal tem sido estudada principalmente com relação a estruturas coordenadas e comparativas:

- (1) João toca piano, mas Pedro não  $\phi$ .
- (2) João sabe matemática mais do que Pedro  $\phi$ .

Procuraremos analisar nesta comunicação que condições sintáticas devem ser obedecidas para que haja elipse verbal e, determinadas essas, verificar se elas são necessárias e suficientes para dar conta do fenômeno em questão.

Várias tentativas têm sido feitas para especificar as condições internas das cláusulas que devem ser obedecidas pela estrutura dos conjuntos que constituem a coordenação para que a supressão possa ocorrer, tanto no caso do lacunamento, ou elipse interna (*Mônica quer tomar sorvete de morango e Magali  $\phi$  sorvete de chocolate*), como no caso da elipse periférica (Exs. (1) e (2)).<sup>1</sup>

Não encontramos, porém, nenhum estudo – embora em Jackendoff (1972) tenha sido feita uma leve tentativa – que examine as condições externas, isto é, o tipo de cláusulas que possibilitam a elipse verbal. Tendo em mente esse tipo de condições, procuraremos responder às seguintes questões:

- a) são apenas as coordenadas e comparativas que são passíveis de sofrer elipse verbal?
- b) em caso afirmativo, que características sintáticas e/ou semânticas essas estruturas compartilham?
- c) em caso negativo, que características sintáticas e/ou semânticas determinam a possibilidade de aplicação da regra?

Na literatura gerativista, há duas maneiras principais de se analisar o problema:

- a) o enfoque sintático-transformacionalista, que pressupõe na base os constituintes idênticos, sendo a redundância eliminada por uma regra transformacional:

João toca piano, mas Pedro não toca piano  $\Rightarrow$  Regra sintática  
João toca piano, mas Pedro não  $\phi$   $\phi$

- b) O enfoque semântico-interpretativista, que admite na base elementos postíços  $\Delta$  não preenchidos lexicalmente, os quais poderão ou não ser interpretados por regras do componente semântico. A sentença (1) seria um exemplo de possível interpretação dos postíços:

João toca piano, mas Pedro não  $\Delta_1 \Delta_2$   
Regra semântica  $\Delta_1 = \text{toca}$   $\Delta_2 = \text{piano}$

O mesmo tipo de condição sintática, porém, é exigido tanto na formulação da hipótese sintático-transformacionalista como na semântico-interpretativista. Assim, para explicar por que ao lado das bem formadas (1) e (2) temos as mal-formadas (3) e (4), ambas as abordagens fazem uso de restrições sintáticas:

- (3) \* João  $\phi$ , mas Pedro não toca piano.  
(4) \* João  $\phi$  mais do que Pedro sabe matemática.

Para os dois enfoques teríamos as seguintes regras respectivamente:

*Sintático-transformacionalista (ST)* – Para que uma cadeia dominada por uma SV seja elidida, deverá existir uma cadeia idêntica dominada por outro SV que o preceda ou que o comande?

*Semântico-interpretativista (SI)* – Para que um elemento  $\Delta$  dominado por um SV seja interpretado como anafórico a uma cadeia dominada por outro SV, este deverá preceder ou comandar o outro SV.

As sentenças (5) e (6) podem parecer, à primeira vista, contra-exemplos a essas condições:

- (5) João e Pedro não tocam piano.  
(6) João, mais do que Pedro, sabe matemática.

Observe-se, porém, que em (5) o verbo está no plural, o que nos leva a crer que, no momento da concordância, *João e Pedro* constituem um sujeito composto, dominado por um mesmo nóculo progenitor SN (*(João e Pedro) não tocar piano*) ao invés de ter uma lacuna no lugar do primeiro SV (*(João  $\phi$ ) e (Pedro não tocar piano)*). Já em (3), como a concordância se dá apenas com *Pedro* teríamos que supor que houve elipse de  $SV_1$ , referente a *João*, elipse essa irregular. Na hipótese semântico-interpretativista (ST), (5) não teria nenhum postíço lexicalmente vazio ao passo que (3') o teria, sendo porém, ininterpretável dadas as condições postuladas.

- (3') \* (João  $\Delta\Delta$ ) mas (Pedro não toca piano)

A mesma irregularidade que temos em (3) ocorreria em coordenadas com *e* se a concordância se der apenas com o segundo SN.

Comparando-se (4) e (6), notamos que o que ocasiona a anomalia de (4) seria para ST a elipse do  $SV_1$  relativo a *João* e para a SI o não preenchimento dos elementos lexicais relativos a esse  $SV_1$ , o qual precede e comanda o  $SV_2$  relativo a *Pedro*, devendo ter sido este e não aquele o suprimido (ou não preenchido segundo SI).

(4') \* ((João  $\Delta \Delta$ ) mais do que (Pedro sabe matemática))

Em (6), porém, as vírgulas revelam uma quebra entoacional, fenômeno que ocorre sempre que um elemento estranho à sentença é nela inserido. Esse elemento estranho, no caso, é um constituinte sentencial incompleto, que sofreu elipse de uma parte (segundo ST) ou possuindo elementos posições à direita de *Pedro* (segundo SI) para poder ser interpretado.

(6') ((João)<sub>SN</sub># mais do que (Pedro)<sub>SN</sub># (sabe matemática)<sub>SV</sub>)<sub>S</sub> (ST)

((João)<sub>SN</sub># mais do que (Pedro  $\Delta \Delta$ )<sub>S</sub> # (sabe matemática)<sub>SV</sub>)<sub>S</sub> (SI)

O  $SV_2$  relativo a *Pedro* pode ser elidido (ST) ou interpretado (SI), pois nessa configuração o  $SV_2$ , estando numa estrutura subordinada, é comandado por  $SV_1$ .

Jackendoff procura ampliar o estudo para estruturas que não são coordenações e comparativas e propõe que as condições para um posição ser interpretado como anafórico de outro SV são exatamente as mesmas para um pronome ser interpretado como anafórico de um SN. São, portanto, as seguintes as possibilidades estruturais propostas por Jackendoff, acrescidas por mim de (I) e (II) para dar conta também da elipse em coordenação:

- (I)  $SV_1$  precede  $SV_2$ , que domina  $\Delta$  (nenhum dos dois comanda o outro) (1) João toca violão, mas Pedro não  $\phi$ .
- (II)  $SV_1$ , que domina  $\Delta$ , precede  $SV_2$  (nenhum dos dois comanda o outro)  
(3) \* João  $\phi$ , mas Pedro não toca piano.
- (III)  $SV_1$  precede e comanda  $SV_2$ , que domina  $\Delta$ .  
(7) Você deve visitar a Torre Eiffel, se puder  $\phi$ .
- (IV)  $SV_1$ , que domina  $\Delta$ , precede e comanda  $SV_2$ .  
(8) \* Você deve  $\phi$  se puder visitar a Torre Eiffel.

- (V)  $SV_1$  precede e é comandado por  $SV_2$ , que domina  $\Delta$   
 (9) Se puder visitar a Torre Eiffel, você deve  $\emptyset$ .
- (VI)  $SV_1$ , que domina  $\Delta$ , precede e é comandado por  $SV_2$   
 (10) Se puder  $\emptyset$ , você deve visitar a Torre Eiffel.

### 3. Dois fenômenos distintos de redução de sintagma verbal

Jackendoff não nota, porém, que, ao contrário das estruturas coordenadas e comparativas, essas subordinadas não permitem a elipse do SV quando não há nessa cláusula um auxiliar modal presente. Comparem-se:

- (1) João toca piano, mas Pedro não  $\emptyset$ .  
 (2) João sabe matemática mais do que Pedro  $\emptyset$ .  
 (11) \*Nós visitaremos a Torre Eiffel se eles  $\emptyset$ .  
 (12) \*Nos fizemos a reclamação porque eles não  $\emptyset$ .  
 (13) \*Comprei o livro que você  $\emptyset$ .  
 (14) \*Eu entreguei a ficha de inscrição depois que você tinha  $\emptyset$ .

A mesma restrição se faz sentir se as subordinadas forem antepostas:

- (15) \*Se eles  $\emptyset$ , nós visitaremos a Torre Eiffel.  
 (16) \*Porque eles não  $\emptyset$ , nos fizemos a reclamação.  
 (17) \*O livro que você  $\emptyset$ , eu li.  
 (18) \*Depois que você tinha  $\emptyset$ , eu entreguei a ficha de inscrição.

Observe-se que a restrição não depende das desinências pessoais diferentes pois podemos ter:

- (19) João toca piano, mas eu não  $\emptyset$ .  
 (20) Se eles puderem  $\emptyset$ , você deve visitar a Torre Eiffel (com eles).

Vê-se, portanto, que as condições sintáticas impostas por Jackendoff para permitir a leitura anafórica dos posiços não explicam porque as sentenças de (11) a (18) são mal-formadas.

Os exemplos com auxiliar modal que permitem a elipse não são, a meu ver, casos de elipse de predicado verbal como os vistos até agora, mas sim um caso de elipse de um complemento SV. Comparem-se as sentenças com elipse do complemento do modal com a elipse do objeto direto de um verbo transitivo:

- (7) Você deve visitar a Torre Eiffel se puder  $\emptyset$ .
- (21) Você consegue a bolsa de estudos se pedir  $\emptyset$ .
- (9) Se puder visitar a Torre Eiffel, você deve  $\emptyset$ .
- (22) Se pedir a bolsa de estudos, você consegue  $\emptyset$ .
- (10) Se puder  $\emptyset$ , você deve visitar a Torre Eiffel.
- (23) Se pedir  $\emptyset$ , você consegue a bolsa de estudos.

Na verdade, o elemento  $\emptyset$  nas sentenças acima pode ser pressuposto, numa hipótese transformacionalista, como sendo oriundo da elipse de uma pró-forma anafórica em posição objeto, fenômeno comum em linguagem coloquial e informal.

- (24) Você deve visitar a Torre Eiffel se puder *fazê-lo*.
- (25) Você consegue a bolsa de estudos se *a* pedir.
- (26) Se você puder visitar a Torre Eiffel, você deve *fazê-lo*.
- (27) Se pedir a bolsa, você *a* consegue.

Em (10) e (23), no entanto, a elipse segue mais o padrão do que Hankammer (1971) chama de 'Delay' (= *Suspensão*), ou a que Ross (1967) chama de alçamento de nóculo à direita, fenômeno estudado por eles, porém, com relação à elipse do SN.

- (28) João lava  $\emptyset$ , e Maria enxuga a louça.

No caso da *Suspensão*, não parece haver uma estrutura intermediária com pró-forma. Um fato digno de nota é que o comparativo não se submete à regra de *Suspensão*:

- (29) \*João fala  $\emptyset$  mais do que Pedro entende inglês.

#### 4. Conclusão

Eliminados os casos de elipse de SV complemento, parece-nos que a resposta à primeira pergunta formulada é afirmativa, isto é, são apenas as estruturas coordenadas e as comparativas que se submetem à regra da elipse verbal. Quanto às características sintáticas e semânticas comuns à coordenação e comparativas, Fontes (1978) faz um estudo exaustivo das similaridades e diferenças, concluindo, ao contrário do que postulam as gramáticas, que as comparativas têm muito mais afinidade com a coordenação do que com a subordinação.

Essas considerações poderiam encerrar a discussão não fosse o contraste que encontramos entre os seguintes exemplos:

- (11) \*Nós visitamos a Torre Eiffel quando eles  $\emptyset$ .  
 (30) Nós visitamos a Torre Eiffel no mesmo momento que eles  $\emptyset$ .  
 (31) \*Nós fizemos a reclamação porque eles  $\emptyset$ .  
 (32) Nós fizemos a reclamação pelo mesmo motivo que eles  $\emptyset$ .  
 (33) \*Comprei o livro que você  $\emptyset$ .  
 (34) Comprei o mesmo livro que você  $\emptyset$ .

A elipse regressiva também é possível:

- (35) No mesmo momento que eles  $\emptyset$  , nós visitamos a Torre Eiffel.  
 (36) Pelo mesmo motivo que eles  $\emptyset$  , nós fizemos a reclamação.  
 (37) O mesmo livro que você  $\emptyset$  , eu comprei.

As estruturas acima, que permitem uma interpretação comparativa em virtude da palavra *mesmo*, são estruturas *relativas*, o que contesta a resposta afirmativa à questão (1). Poder-se-ia explicar esses dados com argumentos sintáticos, propondo ser a relativa oriunda de coordenação na base como o faz Annear (1971), mas essa argumentação não explica porque as formas seguintes, onde temos relativas, são mal-formadas:

- (33) \*Comprei o livro que você  $\emptyset$ .  
 (38) \*Visitei a Torre Eiffel no momento que eles  $\emptyset$ .

A discussão até aqui parece não levar a uma explicação conclusiva, mas ao alistar as estruturas que permitem a elipse algo parece se delinear.

- (39) João saiu à meia-noite e Pedro também  $\emptyset$ . (coordenação)  
 (40) João saiu tão tarde quanto Pedro  $\emptyset$ . (comparativa)  
 (41) João saiu no mesmo momento que Pedro  $\emptyset$ . (relativa)

As três podem ser respostas satisfatórias à pergunta:

- (42) Quando é que João e Pedro saíram?

Em todas as respostas temos atos elocucionários informativos intencionalmente comparativos, isto é, a comparação ou o contraste são utilizados como recursos para o ato asseverativo. Ao invés de justificar a possibilidade da elipse através da busca de similaridades sintáticas entre a coordenação, a comparação e as relativas com *mesmo*, podemos explicar em termos pragmáticos. Assim, a elipse verbal é pos-

sível sempre que num ato de fala haja alguma intenção comparativa ou contrastiva, respeitadas as condições sintáticas de precedência e comando.

## NOTAS

\*Trabalho apresentado na Mesa Redonda sobre "Inter-relações da Sintaxe e Semântica", XXX Reunião Anual da SBPC, 1978. Consigno aqui meus agradecimentos a Leila Barbara pela leitura crítica do primeiro manuscrito.

1. Ross (1967) apresenta três tipos de elipse para coordenação:
  - a) redução de conjunção:  
João gosta de peixe e João gosta de carne  
—>João gosta de peixe e carne.
  - b) lacunamento (gapping):  
João fala espanhol e Pedro fala italiano  
—>João fala espanhol e Pedro, italiano.
  - c) Alçamento de nóculo à direita:  
João descasca as laranjas e Maria come as laranjas  
—>João descasca e Maria come as laranjas

Nos exemplos (a) e (c) são eliminados elementos que se encontram nas extremidades das cláusulas (elipse periférica) e em b) é eliminado um elemento interno da cláusula (elipse interna).

2. A noção de 'comando' e 'precedência' foi pela primeira vez introduzida por Langacker (1969: 167), que diz o seguinte:  
"Um nóculo A comanda um nóculo B se (1) nenhum deles domina o outro e 2) o nóculo S que domina imediatamente A também domina B".

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANNEAR, S. "The Deep Structure of Relative Clauses". In: FILLMORE & LANGENDOEN (orgs.) *Studies in Linguistic Semantics*. Holt, Rinehart and Winston, p. 79-96, 1971.
2. FONTES, S. "Construções Comparativas do Português e do Inglês" Anais do Seminário do GEL de Mogi das Cruzes, publicado pela FAFIL, Bauru, p. 102-13, 1979.
3. HAMKAMER, J. *Constraints on Deletion in Syntax*. Doctoral Dissertation, Yale University, 1971.
4. JACKENDOFF, R. *Semantic Interpretation In Generative Grammar*.

Cambridge, Mass., MIT Press, 1972.

5. KATO, M. "Orações Relativas: Variação Universal e Variação Individual no Português". Anais do GEL de Ribeirão Preto, publicado pela Editora da PUCSP, p. 01-16, 1981.
6. KUNO, S. "The position of Relative Clauses and Conjunctions". *Linguistic Inquiry* 5, p.117-36, 1974.
7. LANGACKER, R. "On Pronominalization and the Chain of Command". In: REIBEL, D.A. & SHANE, S. (orgs.) *Modern Studies in English*. New Jersey, Prentice-Hall, p. 160-86, 1969.
8. ROSS, J. R. *Constraints on Variables in Syntax*. Doctoral Dissertation Mass., MIT, 1967.